

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL  
E PROCESSOS INCLUSIVOS**

**PATRÍCIA TASCHE TO DE OLIVEIRA BORTOLOTT O**

**COMO ACONTECE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO  
COM CRIANÇAS AUTISTAS**

**PORTO ALEGRE**

**2009**

**PATRÍCIA TASCHE TO DE OLIVEIRA BORTOLOTT O**

**COMO ACONTECE O PROCESSO DE SOCIALIZAÇÃO  
COM CRIANÇAS AUTISTAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Ms. Cláudia Rodrigues de Freitas

**PORTO ALEGRE**

**2009**

*Dedico essa monografia a duas pessoas muito especiais na minha vida, que sempre acreditaram no meu potencial; acima de tudo, eram minha fonte segura de amor e carinho: Luiz Bolzan Tascheto e Darcy Martelli Tascheto.*

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me dado força para vencer mais uma etapa da minha vida.

À minha família, mãe e pai que estavam sempre me incentivando e falando do quanto eu era capaz.

Aos professores que tive durante toda a especialização, em especial minha professora e orientadora Cláudia Freitas, que me colocou para cima quando eu falava: “Agora vou desistir, não vou conseguir”. Contudo, ela falava: “Vai conseguir, sim, você sabe que é capaz. Vamos lá, deixe de moleza!”.

Em especial, agradeço a meu marido, que me deu a maior força para vencer, pois na prova para a seleção da especialização, ele me levou no colo até a UFRGS. Devido a um problema de saúde, eu não estava conseguindo caminhar e, mesmo assim, ele acreditou no meu potencial e disse: “Vamos fazer a prova, sim! Você é forte, vai conseguir vencer e passar.” Graças a ele, estou hoje aqui, escrevendo os agradecimentos da minha monografia de conclusão da especialização.

Enfim, agradeço a todos que, de uma maneira ou de outra, me ajudaram a vencer.

A escola tem sido identificada como o lugar da infância na sociedade contemporânea. Local de socialização que amplia as relações iniciadas na família.

Claudio Roberto Baptista

## RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar como acontece o processo de socialização de uma criança autista em uma escola de educação infantil da Rede Municipal de Porto Alegre. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa partindo inicialmente de uma revisão bibliográfica em livros da área, sites da internet, revistas ligadas à educação e educação especial. Em uma segunda etapa, foi feito um estudo de caso de um aluno com diagnóstico de autismo. Realizei entrevistas com a direção da escola e com duas professoras – a que trabalhou com o menino o ano passado e a que está trabalhando com ele atualmente. O aluno tem seis anos e frequenta a escola há três anos. Os resultados que obtive com essa pesquisa foram extremamente significativos e positivos, pois na entrevista com a direção da escola, a primeira coisa que foi colocada pelas entrevistadas é que “lugar de criança é na escola”. Concluo que pelo menos nessa escola onde realizei minha pesquisa, ocorre a socialização de uma criança autista, pois Gabriel está totalmente incluído. Ele é uma criança que entrou na escola totalmente “alheio ao mundo” e agora já atende a todas as intervenções orais e propostas pedagógicas. Para finalizar, cito mais uma vez que acredito que todo ser humano é capaz de aprender e socializar-se, só depende de nós, educadores, acreditarmos e darmos oportunidade a esses “indivíduos especiais”.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1.1 Definição do Objeto de Estudo</b>	<b>9</b>
<b>1.2 Formulação do Problema</b>	<b>9</b>
<b>1.3 Objetivos</b>	<b>10</b>
<b>1.4 Objetivos Específicos</b>	<b>10</b>
<b>1.5 Justificativa</b>	<b>11</b>
<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Autismo</b>	<b>12</b>
<b>2.2 Autismo e a escolarização</b>	<b>14</b>
<b>2.3. A construção pedagógica (Jogos e brincadeiras)</b>	<b>18</b>
<b>ESTUDO DE CASO</b>	<b>21</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>24</b>
<b>TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS</b>	<b>24</b>
<b>CONCLUSÃO</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>26</b>
<b>APÊNDICES</b>	<b>28</b>

## INTRODUÇÃO

A investigação ora proposta tem por escopo analisar como acontece o processo de socialização de uma criança autista em uma escola Municipal de Porto Alegre.

De acordo com os autores Baptista e Bosa (2002), esse é um assunto que garante singularidade e importância para nós, educadores.

Segundo eles, o desconhecimento sobre essa síndrome é que nos leva nós, enquanto educadores, a pesquisarmos a respeito do assunto, pois, é um desafio para todos tentar entender como acontece esse processo de socialização.

Alguns autores referem-se ao autismo como sendo uma síndrome presente desde o nascimento e que se manifesta geralmente antes dos três anos.

Segundo avaliações de psicopedagogos (BEREOHLL, 1993), devemos levar em conta as dificuldades de interação, comunicação e linguagem e, com isso, as importantes alterações da atenção e do comportamento que podem apresentar essas crianças.

Portanto, devemos fazer a observação desse aluno para ver como acontece sua comunicação com o meio. Sendo assim, poderemos trabalhar de uma maneira mais significativa e adequada para cada criança.

Dessa forma, a relação professor-aluno é a base para todo esse trabalho, ou seja, o vínculo desses com a educadora ocorrendo de forma produtiva pode tirá-lo do isolamento que o caracteriza. Quanto mais significativo para a criança for seu educador, maiores serão as chances de este promover novas aprendizagens e, com isso, realizar a socialização dessa criança. Passei a ter interesse por esse tema para realizar minha pesquisa pelo seguinte motivo: sou pedagoga e já trabalhei com educação infantil e séries iniciais, mas depois que me formei, comecei a me interessar por educação especial, pois na faculdade realizei um projeto de pesquisa, com um estudo de caso com uma criança que apresentava uma possível dificuldade de aprendizagem em matemática.

O que me levou a escolher o tema socialização de uma criança autista na escola vem a partir de um encontro numa pracinha da cidade, na qual eu estava com minha filha e no mesmo lugar encontrava-se um menino com sua mãe. Logo a mesma se aproximou de mim e falou “meu filho é autista tenho que cuidar para ele não machucar sua filha, pois autistas não sabem interagir com outras crianças”. No momento, toda aquela fala passou despercebida, mas, quando cheguei em casa, tudo aquilo que havia escutado daquela mãe passou a me perturbar. Passei horas me questionando: essa mãe está rotulando seu filho como sendo um ser incapaz de se socializar. Partindo desse pressuposto é que acredito que qualquer criança é capaz de socializar-se, até os ditos autistas, sempre levando em consideração que cada indivíduo tem seu tempo e maneira.

De acordo com alguns autores existe uma diversidade de idéias teóricas que dizem respeito a esse tema.

Portanto, não cabe a mim basear-me em apenas um desses conceitos envolvidos. Tentarei buscar assim melhores respostas para nós, educadores, trabalharmos com essas crianças que apresentam traços de autistas.

Por fim, realizarei um estudo de caso com um menino autista que estuda na rede regular de ensino de nossa cidade.

## 1.1 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE ESTUDO

Esse trabalho de pesquisa tem por objeto de estudo a análise do processo de socialização de crianças autistas nas escolas regulares.

## 1.2 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

### Conceitos Envolvidos

Nossas escolas têm se identificado como o lugar da infância, na sociedade atual, onde as crianças vão se socializar e ampliar sua rede de amizades.

De acordo com os aspectos citados acima, é onde se encaixa a inserção de alunos com necessidades especiais em escolas regulares e, partindo desse pressuposto, é que nós, educadores, tentamos encontrar a melhor maneira de inserir essas crianças especiais em escolas regulares.

Essa pesquisa, que aqui foi realizada, teve como intenção entender como acontece a socialização de uma criança autista em classes regulares na educação infantil.

Segundo Jerusalinsky:

É evidente então que numa escola para psicóticos ou numa escola onde haja psicóticos, ela não pode ser somente para eles. É necessário que haja alguém que seja capaz de interpretar essa fragmentação de sua simbolização e ajudá-lo a constituir novas metáforas onde suas próprias não alcançam. (JERUSALINSKY 1997, p. 87).

### 1.3 OBJETIVOS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como acontece o processo de socialização de uma criança autista em uma escola de Educação Infantil no município de Porto Alegre.

### 1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Entender se ocorre e como se dá o processo de socialização da criança na escola de educação infantil da rede Municipal de Porto Alegre;
- Verificar se é realizado de maneira significativa para as crianças inclusas;
- Reconhecer quais as estruturas que viabilizam a permanência da criança autista na educação infantil.

## 1.5 JUSTIFICATIVA

Através dessa pesquisa, procurei respostas para ajudar a nós, educadores, a lidarmos com esse processo de socialização, que já é extremamente complexo para crianças ditas normais, imagine com uma criança autista.

Acredita-se que este é um assunto de extrema importância, considerado ainda novo, com o qual estamos nos deparando nas escolas. Portanto, deve interessar a todos os educadores, para que assim possamos tentar realizar um trabalho de competência e significativo para essas crianças.

No início do século XX, a questão educacional passou a ser abordada, porém ainda muito contaminada pelo estigma de um julgamento social. Nos dias de hoje, entre todas as situações da vida de uma pessoa portadora de necessidades especiais, uma das críticas mais frequentes é a sua entrada e permanência na escola regular.

Com este trabalho, procurei achar algumas respostas para as ansiedades e medos que assombram os professores que estão se deparando com essa situação de inclusão.

O tema autismo infantil e, por conseguinte, o aluno autista incluído em uma escola de educação infantil, no Brasil, tem sido motivo para nos deixar otimistas: um dos primeiros motivos é de que esse tema não é apenas considerado um fato no ponto de vista médico e terapêutico; hoje é uma temática discutida e trabalhada nas escolas.

Atualmente, é impossível se falar em atendimento à criança autista sem considerar o ponto de vista pedagógico.

## REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 AUTISMO

Autismo é síndrome comportamental com etiologias diferentes, na qual o processo de desenvolvimento infantil encontra-se profundamente distorcido (BOSA, 1998, p. 01).

A polêmica quanto à etiologia do autismo vem sendo polarizada em torno das questões da causalidade parental X fatores biológicos. Entretanto, cada profissional tem sua concepção e metodologia de trabalho. O ideal, sob o ponto de vista, seria haver um entrelaçamento entre os diversos campos de saberes.

É no sentido de qual o fator causal – se a função materna ou uma alteração cerebral, que se estabelece a discussão no campo da etiologia. Ninguém discute que há coincidência de sintomas autistas que se apresentam em diversos quadros patológicos da infância, havendo também crianças que não padecem de nenhuma patologia, mas apenas de tais sintomas. As divergências surgem quando se trata de definir causas. (BAPTISTA, 2002, p. 29).

Baseado na nossa própria vivência clínica, o autor considera que o aparecimento tanto de traços como de quadros autistas está intimamente vinculado ao desequilíbrio do encontro do agente materno com a criança. Por sua vez, este equilíbrio depende, por um lado, do status psíquico deste agente e, por outro lado, das condições constitucionais da criança para se apropriar dos registros imaginários/simbólicos que entram no jogo do vínculo.

Não colocamos em dúvida a possível presença de um fator de propensão ou determinação orgânica. Assinalamos, porém, que este fator muitas vezes não parece estar presente e, quando está, aparece ativado numa particular articulação psíquica. (BOSA, 2002, p. 31).

A trajetória traçada das luzes sobre o caráter e o tratamento de pessoas com necessidades especiais está diretamente relacionado à trajetória seguida

pelas outras doenças, conforme os graus mais ou menos avançados da civilização dos povos.

De acordo com Bosa (2002), existem diferentes postulados teóricos dentro da abordagem psicanalítica que se propõem a explicar o autismo.

Maratos (1996) diz que a preocupação da maioria dos psicanalistas tem sido mais a de descrever o funcionamento mental, os estados afetivos e o modo como essas crianças se relacionam com as pessoas do que com questões etiológicas.

Segundo Kanner (1943), as crianças apresentavam uma inabilidade no relacionamento interpessoal que as distinguia de outras patologias, como a esquizofrenia. Diz o autor que “o distúrbio fundamental mais surpreendente, patognômico, é a incapacidade dessas crianças de estabelecer relações de maneira normal com as pessoas e situações desde o princípio de suas vidas” (KANNER, 1943, p. 23). Para Kanner, tal comprometimento fazia-se evidenciar pela dificuldade em adotar uma atitude antecipatória que assinalasse ao adulto a vontade de ser pego no colo (ex: inclinar o rosto, estender os braços e após, acomodar-se ao colo); um “fechamento autístico extremo”, que levava a criança a negligenciar, ignorar ou recusar tudo o que vinha do exterior.

O autismo, ou transtorno autista, é o transtorno invasivo do desenvolvimento mais conhecido, no qual o indivíduo tem dificuldade com a interação social, comunicação com as pessoas e comportamento. A maioria dos autistas apresenta um retardo mental.

A síndrome geralmente é reconhecida por causa de um padrão de desenvolvimento de linguagem mais lento ou diferente das crianças ditas normais. O atraso no desenvolvimento da linguagem não ocorre somente em crianças com transtornos globais, mas muitos outros quadros também o apresentam. Portanto, de acordo com Baptista, Bosa & cols. (2002), deve-se conhecer quais são as principais características de cada um deles para melhor compreender e intervir adequadamente. Entretanto, não podemos levar apenas esses aspectos em consideração para diferenciá-los de outras crianças.

Por fim, a necessidade de uma fundamentação mais objetiva fez com que o rumo das pesquisas mudasse radicalmente para o campo biológico. Atualmente acredita-se que indivíduos autistas tenham uma disfunção biológica

estrutural ou funcional que altere gravemente o desenvolvimento e maturação do Sistema Nervoso central.

Não podemos, no entanto, nunca nos esquecermos de levar em consideração o ponto de vista pedagógico, pois acreditamos que com uma boa escolarização logo a criança se socializará de maneira mais tranqüila e significativa.

## 2.2 AUTISMO E ESCOLARIZAÇÃO

A escolarização de crianças especiais, sobretudo crianças que apresentam transtornos globais no desenvolvimento é sem dúvidas um convite de refazimento da prática dos professores. Se por um lado temos historicamente o conflito familiar de expor seus filhos ao preconceito social, por outro lado temos o despreparo da escola para receber alunos especiais. Para referir à educação especial e a docência é preciso que nos lembremos do pioneiro no assunto, segundo literatura especializada, Itard que se propôs a educar o menino-lobo, Victor, através de um programa sistemático elaborado por ele a partir das possibilidades vivenciadas diariamente com o aluno. O programa inicialmente tinha um propósito implícito de “curar” Victor, mas posteriormente Itard percebeu que o menino não alcançaria todas as habilidades por ele pretendidas. (BAPTISTA, 2002).

A partir da experiência de Itard, é dado início a estudos mais aprofundados por outros pesquisadores acerca da condição desses sujeitos especiais. Esse olhar de pesquisa, esse olhar de investigação, aos poucos começou a penetrar no espaço formal de educação e, hoje, o debate sobre a inclusão escolar movimentou as escolas a buscarem uma classe onde alunos especiais possam ser integrados à classe comum. A palavra “integrados”, inclusive, já desenha o contexto onde as crianças autistas estão inseridas nas escolas. Sabemos que não existem fórmulas ou projetos prontos que garantam a inclusão efetiva dos alunos, mas, como refere Carla Vasques,

A simples matrícula destes alunos não é suficiente para garantir efeitos potencializadores de desenvolvimento e aprendizagens. Pelo contrário, a inserção em certos espaços pode promover, inclusive, o rechaço da própria escolarização como um todo. (VASQUES, 2003, p. 61).

Se a simples matrícula não garante a inclusão, conhecer quem são os sujeitos da inclusão e o que pretendemos alcançar com eles no espaço escolar pode ser um caminho mais seguro a seguir. Na medida em que o professor em sala de aula consegue perceber e trabalhar com a diversidade, a inclusão passa a ser mais que um propósito ou uma lei a ser cumprida, ela pode tornar-se possível. Entretanto, um professor só se dá conta de que o ato de ensinar para a diversidade pressupõe conhecer a quem é dirigido o planejamento de aula, o ato de educar, quando é capaz de questionar-se, questionamentos esses já pontuados por Hugo Otto Beyer, quando refere:

Perguntamos, então, qual é o significado de educar um aluno com deficiência mental? Ou um aluno cego? Ou um aluno com autismo? Quais espaços devem ser criados e continuamente considerados quando é deflagrado o processo de ensino-aprendizagem com esses sujeitos e suas diversidades? (BEYER, 2002, p. 111).

A inclusão de crianças autistas no ensino regular certamente causará angústia, medo, incertezas em toda comunidade escolar. A partir do conhecimento das limitações e potencialidades desses sujeitos é possível propor uma alteração curricular, elaborar um plano de aula adequado ao aluno autista conforme exemplos apresentados já por diversas tentativas significativas onde a escola, aliando-se aos demais profissionais que compõem uma rede de aprendizagem, alcança resultados positivos nesse processo de escolarização.

Como já dissemos anteriormente não há uma única forma de trabalho com crianças autistas, cada qual deve ser respeitada nas suas particularidades, o apoio familiar, a adaptação curricular, respeitando a singularidade de cada sujeito, o tempo de permanência na escola; tudo isso é importante para a construção destes processos inclusivos. Para que possamos ilustrar melhor um plano de ação que tem resultados positivos, trazemos o exemplo da Itália na cidade de Bologna, onde um rapaz autista é incluído com sucesso na rede regular de ensino, fazem parte da estratégia do plano de ação educativa, segundo Baptista (2002):

- Conhecimento recíproco: observação participante, encontros com adultos (técnicos e familiares) que conhecem bem o aluno.

- Análise dos programas das várias disciplinas, realizado com os docentes.
- Escolha de um tema que, valorizando a “diferença” do aluno com necessidades especiais, se articule em modo direto com uma temática prevista nos programas.
- Busca de tempos adequados e de modalidades de trabalho oportunas para um envolvimento dos alunos em geral.

Ainda dentro do exemplo da escola onde Carlo é aluno, segue-se uma prática de organização da sala que favorece não só o aluno com espectro autista, bem como alunos com necessidades educativas especiais (*handicap*). Essa organização resume-se abaixo, ainda de acordo com Baptista (2002).

- Em classes com alunos especiais limita-se a 20 o número de alunos e dentro das mesmas limita-se a 2 o número de alunos com necessidades especiais;
- Faz-se presente um professor de apoio, que serve à classe e ao professor regente, como mediador do grupo em regime parcial ou sempre que necessário;
- Faz-se um plano pedagógico coletivo, onde todos educadores participam, buscando aliar o conteúdo a ser estudado aos objetivos propostos para esses sujeitos especiais;
- Busca-se a pluralidade de estratégias de ação e avaliação, oportunizando situações individuais e coletivas de aprendizagem;
- Trabalha-se com equipe multidisciplinar entre escola e serviços socio sanitários;

As propostas acima citadas são exemplos, sobretudo de tentativas e disposição por parte da escola e dos professores em mais que acolher ou integrar alunos autistas, dispuseram-se a procurar estratégias de inclusão efetiva. O papel que cabe ao educador é o de tentar desenvolver a comunicação, a inteligência, a independência e o equilíbrio pessoal das crianças autistas. Certamente, esses são objetivos difíceis e que exigem, além de uma formação especializada e de bom nível, certas características pessoais de constância, tolerância e também de resistência à frustração. A função do professor é ajudá-las a aproximarem-se do mundo de significados tão abstratos

para elas, valendo-se de instrumentos funcionais e que estejam dentro das possibilidades da criança autista.

Obviamente, cada professor dispõe de seus recursos pessoais para trabalhar e nem todos apresentam as mesmas competências naturais para trabalhar com crianças autistas. Talvez vivenciar uma relação tão impactante por ser algumas vezes frustrante às nossas expectativas como profissionais fosse positivo, uma vez que abala profundamente nossas idéias sobre a concepção de ensino-aprendizagem e pode possibilitar ao professor enxergar de outra maneira a realidade da sala de aula.

Embora não existam estratégias absolutas sobre como trabalhar com crianças autistas, a partir das publicações sobre a temática e referências de exemplos positivos, podemos, de certa forma, afirmar que o caminho para uma escola iniciar a inclusão de crianças com a síndrome do autismo parte da preparação do corpo docente. É sem dúvida um longo caminho a ser percorrido, porém com confiança, trabalho em equipe, um bom plano pedagógico, planejamentos adequados embasados no conhecimento do sujeito da inclusão, buscando não somente a interação social, mas apostando fortemente no crescimento cognitivo deste sujeito são até então alternativas evidentes de um progressivo sucesso.

Segundo as diretoras, desde que o menino sobre o qual realizei meu estudo de caso entrou na escola “ele é outra criança”, elas colocam na entrevista, que ele era totalmente alheio ao mundo, que agredia as outras crianças para se defender, além disso, dava uns grunhidos e se sacudia às vezes, não era sempre, mas fazia. Hoje é uma criança que atende a intervenção oral, às propostas pedagógicas também.

Todos os recursos citados, aliados ao trabalho multidisciplinar com profissionais da área da saúde e terapêutica, além da aposta e acolhimento por parte da família, nos fazem retomar a utopia de Paulo Freire não como um sonho a ser alcançado, mas como uma aposta na educação inclusiva que não mais oprime os diferentes ou desprivilegiados e que nos faz acreditar que futuramente, quem sabe, será possível que tenhamos muito mais exemplos positivos a mencionar. “Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter

partido. O do inacabamento do ser humano. (...) Onde há vida, há inacabamento. (FREIRE, 2002, p. 55).

### 2.3 A CONSTRUÇÃO PEDAGÓGICA (JOGOS E BRINCADEIRAS)

O Brincar é sem dúvida um meio pelo qual os seres humanos e os animais exploram uma variedade de experiências em diferentes situações, para diversos propósitos. (MOYLES, 2007, p. 11).

Segundo Moyles (2007), o brincar, trabalhar com jogos, é uma das melhores maneiras das crianças aprenderem, inclusive as ditas “diferentes”.

Atualmente vivemos num mundo onde estamos em constantes mudanças. De acordo com a autora, mesmo com mudanças tão rápidas como as que acontecem em nosso tempo, a maioria das crianças chega à educação infantil e ensino fundamental razoavelmente bem ajustada. Mas, não podemos esquecer que muitas chegam com necessidades especiais, e devemos tomar muito cuidado com esse rótulo que colocam nessas crianças. Muitas delas, depois de serem trabalhadas e estimuladas de uma maneira diferente e significativa, apresentam progressos no desenvolvimento escolar. Nós, educadores, devemos estar revisando constantemente nossas impressões sobre esses alunos.

Os educadores devem lidar de uma maneira muito coerente com essas crianças, pois cada indivíduo é único e tem seu tempo para aprender, ou seja, para desenvolver suas habilidades. As principais funções da escola são o aprender e o socializar. O brincar permite que estas aconteçam de maneira mais agradável sem que se precise estar “sentado”, cumprindo regras rígidas. O brincar e o aprender acontecem aqui de maneira simultânea, podendo as crianças estarem organizadas de maneira mais descontraída, realizando um trabalho lúdico.

Um dos aspectos que mais chama atenção dos educadores é de que o brincar é uma das melhores maneiras para a criança obter a socialização. Claro que devemos usar o brincar de uma maneira bem supervisionada, pois este também pode levar as crianças ao isolamento, na medida em que elas se envolvem na busca de objetivos e fiquem brincando de maneira individual

apenas. As crianças têm que aprender a brincar. Não se nasce sabendo brincar com os outros. É preciso aprender a dividir os objetos, saberes, reconhecendo os colegas como interlocutores.

Moyles (2007, p. 152), apud Chazan e Laing, traz que “a maturidade social inclui desenvolver um estilo de lidar com a frustração e aprender a compartilhar e a participar”.

Moyles refere-se ainda ao fato de que muitas crianças que vão para a escola no início relutam a brincar com os colegas, depois começam a observar e vão se inserindo aos poucos nas brincadeiras com os colegas, até que elas acabam inseridas no brincar social. Cabe a nós, educadores, nunca esquecermos que cada uma delas tem seu tempo. Com isso, gostaria de ressaltar que qualquer criança é capaz de socializar-se na escola, até mesmo as especiais. O que devemos é proporcionar a todos um trabalho significativo e sempre monitorado pelo educador.

Moyles, a partir de vários casos de crianças que trouxe para análise, vai referindo algumas observações que fez e que podem ser úteis em outras situações, guardadas as devidas distâncias. Ela coloca que o brincar pode ser uma terapia para uma criança temporariamente tumultuada, perturbada ou incapacitada. Segundo sua experiência pessoal e das pesquisas, parece que os meninos se envolvem mais do que as meninas em incidentes agressivos, e não podemos esquecer que a intervenção da educadora é necessária quando a criança dominada corre risco de se machucar.

Por fim, gostaria de citar alguns pontos que a autora apontou como importantes para trabalharmos com sujeitos ditos “diferentes”. Primeiramente, ela fala que devemos deixar que a criança brinque bastante, ou seja, explore várias vezes o mesmo material. Geralmente, a maioria das crianças que são ditas “diferentes”, apresenta algum talento ou interesse específico, o qual pode ser o ponto de partida para iniciar suas brincadeiras e aprendizagens.

Com o passar do tempo nós, educadores, estamos mais atentos a essas crianças que apresentam alguma dificuldade. Com isso tentamos ser mais realistas com os fatores que levam a esses casos. Finalizando, gostaria de colocar que, para obtermos sucesso no nosso trabalho com esses indivíduos, devemos observar as necessidades desse aluno. Nunca devemos rotulá-lo,

mas sim, trabalharmos com as prioridades de cada caso para assim obter a resultados significantes, pois cada indivíduo é capaz de aprender, ou seja, de socializar-se no meio escolar.

## ESTUDO DE CASO

### RELATO GERAL

Essa é a história de um menino de cinco anos chamado Gabriel<sup>1</sup>, que estuda numa escola municipal de Porto Alegre. O trabalho que realizei com ele é um estudo de caso para verificar se acontece a socialização de crianças autistas na escola.

No caminho que percorri para chegar até a escola, fiquei um pouco assustada, pois nunca tinha andado por aquele lado da cidade, mas quando chegamos lá fui muito bem recebida pela direção. Quem estava me acompanhando era minha orientadora, que também é psicopedagoga do Gabriel. Logo fomos para uma sala reservada, na qual iniciei minha entrevista com a diretora e a vice-diretora. O objetivo das perguntas era saber se acontecia a socialização desse menino na escola e como estava sendo o percurso dele lá.

Desde o início da conversa, fiquei muito feliz com tudo que escutava de ambas. Elas falaram que Gabriel era outra criança desde que entrou na escola. Claro que no começo foi complicado, ele era uma criança totalmente “alheia ao mundo”, segundo a vice-diretora, agredia os colegas para se defender e se sacudia muito. Sua família ajudou bastante nessa sua adaptação à escola. Segundo a direção e as professoras que trabalharam com ele, sua mãe era e continua sendo muito tranqüila, já sua avó um pouco mais resistente. Elas colocaram que estavam muito preocupadas com ele naquela semana, pois a família tinha retirado sua medicação sem consultar o psiquiatra e, com isso, ele estava muito agitado. A vice-diretora fez uma colocação: “Ontem nos chamou muito a atenção, a sensação que a gente tinha é de que ele estava dopado”. Elas também falaram que ele estava batendo bastante nos colegas. A sua psicopedagoga falou que iria ver isso com o médico do menino; a diretora falou

---

<sup>1</sup> Gabriel é o nome fictício que dei ao menino estudado.

que tinha o nome da medicação que ele usava. Ela teria anotado numa reunião que havia acontecido na escola.

A diretora falou que a mãe tinha dado um depoimento muito lindo na reunião, na qual ela falava sobre o processo dela, como foi difícil aceitar a doença do filho, “hoje eu sei que meu filho é diferente”, e fala também de como é difícil para sua mãe, a avó do menino, aceitar isso, pois “ela é de outra geração, resiste muito à doença”. Ela também coloca que o pai agora que está aceitando levar o Gabriel para o convívio social. Mesmo com todas essas dificuldades, a diretora coloca que “a mãe acredita e confia no sucesso do seu filho para superar essa doença”.

Atualmente, retirando esse contratempo com a medicação, ele é uma criança que atende todas as intervenções orais, propostas pedagógicas e, o melhor de tudo, ele realiza as tarefas com gosto, ou seja, prazer. Todos esses dados foram fornecidos pela diretora e a vice-diretora, como já foi colocado acima. Para finalizar a entrevista da direção, gostaria de colocar o depoimento que a vice-diretora fez: “eu era daquelas professoras que achavam que não daria para essas crianças freqüentarem uma escola regular, mas com a mãe do Gabriel e com ele eu vi que estava enganada”.

Depois de fazer a entrevista com a direção, realizei a mesma com as professoras do Gabriel. Primeiramente, conversei com a professora Margareth<sup>2</sup>, que trabalhou com ele o ano passado. Segundo ela, o Gabriel apresentou algumas dificuldades no início, mas, logo se adaptou. Ela falou que não teve medo de ser professora dele e que o considera um menino muito especial. No seu relato, a professora coloca que no início ele era muito agressivo com os colegas, puxava cabelo, cuspiu. Segundo ela, ele não tinha limites. Gabriel tinha muito receio com as coisas novas, mas a professora sempre acreditou no seu potencial. Com isso, logo ele apresentou resultados positivos, mostrando ser capaz de aprender e de ser uma criança organizada em sala de aula, como todos os seus coleguinhas.

Para finalizar, a professora falou que estabeleceu um relacionamento muito tranqüilo com ele, no qual ela acredita ter ficado um vínculo grande entre

---

<sup>2</sup> Nome fictício.

eles, pois ela sempre trabalhou com ele e com as outras crianças de maneira igual. Com isso, ela encerra falando que acredita plenamente que ocorreu a socialização dele na escola de educação infantil regular. Coloca também que, no início, alguns adultos resistiram a esse processo, mas agora estão todos totalmente adaptados a ele.

Logo após conversei com a professora Salete<sup>3</sup>, que está trabalhando atualmente com o aluno. Segundo ela, no início do ano, em março, Gabriel estava super tranquilo, mas logo começou a não tomar a sua medicação corretamente. Com isso, começou a ficar muito agitado e voltou a bater nos colegas. Assim, a professora se sente um pouco angustiada, mas sempre deixa bem claro que mesmo com essas intervenções que acabaram prejudicando seu trabalho, ela tem plena certeza de que ele é um menino muito inteligente, capaz de aprender mais a cada dia que passa e tem total certeza da sua socialização na escola.

---

<sup>3</sup> Nome fictício.

## **METODOLOGIA**

### **TÉCNICAS DE COLETA DE DADOS E ESTUDO DE CASO**

Foi utilizada, para realizar esse trabalho, uma pesquisa qualitativa de estudo de caso e uma técnica de coleta de dados de algumas bibliografias, sites da internet e revistas ligadas à educação e educação especial.

Para melhor fundamentação e análise dos dados colhidos durante a pesquisa, usei os seguintes instrumentos: estudo de referencial teórico, entrevistas e observação do espaço escolar e da criança referida.

As entrevistas tiveram como objetivo coletar dados com aspectos subjetivos e objetivos do processo de socialização dessa criança autista na educação infantil. Elas foram realizadas sem ter um roteiro prévio, a não ser certo conhecimento do caso. A primeira entrevista foi com a diretora e vice-diretora da escola e a segunda foi com as professoras do aluno, a atual e a do ano anterior. As entrevistas ocorreram da seguinte forma: na que realizei com a direção, foi feita em uma sala reservada, onde levei um gravador e espontaneamente fui fazendo perguntas à diretora e à vice-diretora da escola. Ficamos mais ou menos uma hora conversando. Com as professoras do menino, fui à sala de aula de cada uma delas e realizei breves perguntas, pois elas estavam com os alunos na sala.

Neste trabalho também aconteceu uma pesquisa bibliográfica. De acordo com que dizem os autores Baptista e Bosa (2002), é importante termos bastante contato com o referencial teórico, o qual levei bastante tempo, pois extraí o máximo desses livros para quando for colocado em prática, os resultados serem os mais significativos possíveis.

## CONCLUSÃO

Com esse trabalho, eu tinha o objetivo de achar algumas respostas para minhas ansiedades e medos. A principal delas era saber se acontecia o processo de socialização de uma criança autista numa escola de educação infantil de ensino regular.

Partindo desse pressuposto, tenho plena certeza de que estou totalmente satisfeita com a minha pesquisa, pois, na escola que realizei meu trabalho, esse menino está totalmente incluído, de acordo com a direção e as professoras que já trabalharam e conhecem-no; todas garantem que ocorreu a socialização dessa criança na escola.

Na entrevista com a direção, depois de fazer todas minhas perguntas a respeito do desenvolvimento desse menino com traços autistas, sempre finalizava com a pergunta-chave que é a seguinte: se havia acontecido o processo de socialização dessa criança na escola, e tanto a diretora quanto a vice-diretora responderam que sim, e ainda a diretora fecha a entrevista falando que lugar de criança é na escola.

Com as professoras do Gabriel também encerrei minha entrevista fazendo a mesma pergunta: se ocorreu a socialização dele na escola. Ambas respondem que sim e ressaltam que, mesmo com todas suas limitações, ele é um menino totalmente incluído na sua escola e que é tratado da mesma forma que seus coleguinhas.

Por fim, através dessa pesquisa tenho certeza de que todo ser humano é capaz de aprender e socializar-se. Depende apenas de nós, educadores, acreditarmos e darmos oportunidade para esses “indivíduos especiais”.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Claudio. R & BOSA, Cleonice. **Autismo e educação: Reflexões e propostas de intervenção.** Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

BAPTISTA, Claudio. R. (ORG.) **Inclusão e Escolarização: Múltiplas perspectivas.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2006.

BEYER, H. O. A criança com autismo - propostas de apoio cognitivo a partir da 'teoria da mente'. In: BAPTISTA, Claudio Roberto & BOSA, Cleonice (Org.). **Autismo e Educação: Reflexões e propostas de intervenção.** Porto Alegre: Artmed, 2002, pp. 111-125.

BOSA, Cleonice, **Autismo: Breve revisão de diferentes abordagens.** Artigo, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

JERUSALINSKY, Alfredo. Escolarização de Crianças Psicóticas. In: **Clínica.** Revista sobre infância com problemas. São Paulo: USP, ano II, n. 2, 2º sem; 1997.

KANNER, L. Affective disturbances of affective contact. **Nervous Child**, 2, 1943, pp. 217-250.

KUPFER, Maria Cristina Machado (Org.) **Tratamento e escolarização de crianças com distúrbios globais do desenvolvimento.** Editora Ágalma, 2000.

MARATOS, O. Psychoanalysis and the management of pervasive developmental disorders, including autism. In: TREVARTHEN, C.; AITKEN, K.; PAPOUDI, D. & ROBARTS, J. (Orgs.). **Children with autism: Diagnosis and interventions to meet their needs.** 1996, pp. 161-171.

MOYLES, Janete R. **Só brincar? O papel do brincar na educação infantil.** Rio de Janeiro: Artmed, 2007.

PINEL, Philippe, 1745-1826. **Tratado médico-filosófico sobre alienação mental ou a mania.** Tradução de Joice Armani Galli - Porto Alegre: Editora UFRGS, 2007.

REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

VASQUES, Carla K. **Um Coelho Branco sobre a Neve**: Estudo sobre a escolarização de sujeitos com psicose infantil. Porto Alegre: UFRGS, 2003.168f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Sites consultados:

REVISTA EM ABERTO. Brasília, ano 13, n.60, out/dez. 1993. Site:  
<http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/issue/view/67>

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – Entrevista Diretora, Vice-Diretora e Psicopedagoga

- Vice-diretora: Cláudia, estamos falando direto com a família, porque ele parou de tomar a medicação e voltou à 'estaca zero'...
- Psicopedagoga: Não.
- Vice-diretora: A gente foi falar com a mãe [e] fazia muito tempo que ele não estava tomando a medicação.
- Psicopedagoga: Uma semana sem tomar.
- Vice-diretora: Acho que foi mais...
- Psicopedagoga: Tu achas que foi mais?
- Vice-diretora Sim, foi mais, eu acho.
- Vice-diretora Tenho a impressão que a família não está dando a medicação para ele como o inicial.
- Psicopedagoga: Ele tem médico dia 06.
- Psicopedagoga: Denise Machado é a psiquiatra que atende ele.
- Vice-diretora: Ontem nos chamou muito a atenção... A sensação que a gente tinha é que ele estava dopado.
- Vice-diretora: Ontem nós ficamos muito preocupadas. Ele jogou bastante areia nas crianças. Eu não sei se nós aqui da escola não devíamos conversar com essa psiquiatra.
- Psicopedagoga: Eu vou ver isso, vou me informar de um horário para a gente ir lá falar com ela.
- Psicopedagoga: A Denise é uma pessoa bem acessível.
- Diretora: É a psiquiatra dele?
- Psicopedagoga: Eu conversei bastante com a mãe na sexta-feira, e ela me passou que a avó teria falado que ficou uma semana sem dar medicação a ele, pode até ter sido mais. A avó deve ter achado uma maneira de se livrar da situação, com isso a mãe conversou com a avó para tentar explicar as conseqüências que podem ocorrer com ele parando de tomar a medicação. A avó está preocupada com a questão do peso dele, pois está muito gordo.
- Diretora: Eu tenho o nome do remédio dele, eu anotei na reunião que nós fizemos aqui na escola.

- Psicopedagoga: Daí eu falei para a avó falar com a psiquiatra para ela conseguir uma nutricionista para ele, assim ela vai fazer uma alimentação balanceada para ele. Ele não consegue comer só uma vez, sempre quer repetir.
- Diretora: A mãe deu um depoimento muito bonito aqui na reunião da escola, sobre o processo dela, como foi difícil aceitar a doença do filho. “Hoje eu sei que meu filho é diferente. Minha mãe é uma pessoa de outra geração, tem muita dificuldade de aceitar e entender.” [fala da mãe, diretora lembrando] O pai agora que está aceitando levar ele para o convívio social. O pai tem vergonha dele; quando leva numa festa, ele se afasta do menino para não ver as coisas que o menino faz. A mãe sempre se sentiu muito só, uma pressão muito grande para ela. Ela agora se sente muito contente com o progresso de seu filho.
- Psicopedagoga: Assim que o menino chegou na escola era a avó que determinava tudo, mas a mãe, mesmo passando por muitas dificuldades, organizou um espaço para ela se dedicar ao filho. O caminho não é linear, há tropeços, por isso que eu falei que ele não voltou à ‘estaca zero’. As coisas são assim, vai e volta [sic]. Mas no processo ela é uma mulher muito corajosa, poucas mães que eu vejo que se pode contar tanto como ela. Mesmo quando ela fica [sic] sabendo desse diagnóstico, que foi no ano passado, mesmo assim ela conseguiu superar. Ele também está superando porque ele não é mais esse diagnóstico de criança autista, ele conseguiu superar com muito investimento da mãe. Agora ela passou a dar a medicação de manhã cedo. Ela o tira da cama, leva ele pra casa da avó para a avó levá-lo para a escola e ela poder trabalhar. Se ela quisesse, ela ganhava benefício, quantas mães fazem isso... Pois ela acredita que daqui [há] uns tempos ele não vai mais ter esse diagnóstico.
- Diretora: Ela confia muito.
- Psicopedagoga: Mesmo nessa solidão, ela está apostando, pois com quem ela pode contar?
- Diretora: Com o irmão dela. Ele tem uma namorada que se chama Paula e o Gabriel gosta muito dela. O irmão, ou seja, o tio é autoridade para o

Gabriel. Quando ele faz algo errado, pede pra não contarem para o tio. Com isso, a mãe tem bastante suporte do irmão.

- Psicopedagoga: Agora ele conseguiu uma 'fono' também lá da Santa Marta.
- Psicopedagoga: Falando com a professora, lembra que no início do ano você nem entendia o que ele falava? Agora você já entende. Ele derrubou tudo dentro da aula, mas a professora conseguiu gerenciar e ele arrumou as coisas. Isso é muita coisa para uma criança assim. A gente tem que desfrutar desses ganhos e conquistas. É devagarzinho, mas é um ganho.
- Psicopedagoga: A medicação é algo muito importante. Não pode entrar e sair do organismo assim, rápido.
- Diretora: O remédio é Alapidol.
- Patrícia: Você acha que está tendo essa socialização desse menino na escola?
- Diretora: Desde que ele entrou, ele é outra criança.
- Psicopedagoga: Vocês lembram quando ele entrou?
- Diretora: Ele era totalmente alheio ao mundo. Ele tinha uma fixação pelo Mickey, o personagem, ficava só concentrando naquilo, naquele brinquedo. Ele agredia para se defender.
- Vice-diretora: Ele dava uns grunhidos.
- Diretora: Ele se sacudia também, não era sempre, mas fazia.
- Diretora: Hoje ele é uma criança que atende à intervenção oral.
- Vice-diretora: As propostas pedagógicas também, ele faz com gosto e prazer.
- Patrícia: A relação dele com os coleguinhas...
- Diretora: Ele abraça, é carinhoso, os colegas acolhem ele. Às vezes, na aula, está [sic] todos trabalhando e ele levanta e abraça um colega do nada. Nem sempre os colegas aceitam isso...
- Diretora: Ele já reconhece as letras.
- Psicopedagoga: Ele traça todas as letras do seu nome. Ele desenhou o Shrek com detalhes.
- Diretora: Ele adora Shrek.
- Psicopedagoga: Desenhou a Fiona com detalhes.
- Psicopedagoga: Ele contou os dedos, analisando. É uma coisa assim.

- Diretora: Ele está completamente integrado e conectado na escola.
- Patrícia: Ele troca de professora, de sala, como funciona?
- Vice-diretora: Inclusive do M1 ele passou para o A1.
- Diretora: Teve desestruturação.
- Diretora: Ele criou um vínculo muito grande com a professora do ano passado, Francisca, ainda hoje ele tem ciúmes dela.
- Vice-diretora: Ele judia dos alunos da Francisca. Esse ano devido ao ciúmes [sic], a gente nota que tudo isso é para chamar a atenção da professora. Ele gosta muito da Francisca.
- Diretora: A Francisca tem uma característica que foi muito importante para ele: ela conta histórias e ele adora histórias. Ela é uma pessoa que adora literatura, ele gosta de contar, recontar...
- Vice-diretora: Outra coisa que vem acontecendo é que o Gabriel não entrava de jeito nenhum na sala do vídeo. Agora ele já entra, só que de um mês pra cá, ele está começando a chorar de novo. Ele chora e quer a mãe dele.
- Diretora: Isso mesmo.
- Psicopedagoga: Ele está instável. A parada do remédio não deve ter sido só uma semana, ela deve ter deixado mais tempo.
- Psicopedagoga: Nós temos que nos descolar um pouco do diagnóstico, isso é apenas uma referência. Nós já vemos todo o crescimento dele. Diagnóstico é só um dado a mais. Mas não é por aqui que vamos nos guiar, tem todo um processo de investimento...
- Psicopedagoga: Nos atendimentos comigo, ele chega e tem outro menino. Eles ficam interagindo. Depois o menino vai embora e ele fica. E o outro menino não pára. Nos primeiros encontros, o Gabriel ficou incomodadíssimo com o menino porque ele não parava quieto. É esse desafio que foi colocado para ele, e agora já conseguem fazer trabalhos juntos.
- Psicopedagoga: A gente não deve deixar o ambiente pronto pra ele, temos que colocar ele frente a situações novas.
- Patrícia: É a questão de ele ir se acostumando com o ambiente que nem uma criança dita normal.

- Psicopedagoga: A mãe sempre vai atrás do que é melhor pra ele.
- Diretora: O que a gente percebeu [foi] a transformação dela; ela era alienada [a mãe].
- Psicopedagoga: Até fisicamente, ela hoje está mais bonita, mais cuidada, arrumada. Ela consegue ter as intervenções com ele.
- Diretora: O diagnóstico de autismo não interfere no aprendizado, mas sim nas relações.
- Psicopedagoga: Ele busca aprender, ele olha o trabalho dos colegas e imita para fazer igual.
- Diretora: A gente contratou um palhaço para o aniversário da escola e o Gabriel entrou em pânico quando viu o palhaço.
- Psicopedagoga: Lembro de cenas básicas: no início, até o banheiro assustava ele.
- Diretora: Ele viu em casa um banco que tinha os pés cruzados e disse pra avó “Vó, esse é o X da Xuxa.”
- Psicopedagoga: Os primeiros desenhos era a Xuxa.
- Psicopedagoga: O diagnóstico de uma criança não é fixo, por isso chamamos de um “traço autista”. Ele tinha um traço autista. Agora ele tem um traço psicótico importante, mas para onde vai dar isso é o tempo dele.
- Psicopedagoga: Tudo que ele conseguiu, com certeza, ele não teria se não estivesse na escola.
- Psicopedagoga: Mais alguma coisa, gurias, que vocês lembram a respeito do Gabriel?
- Perguntas básicas, vocês acham que lugar de autista é na escola?
- O lugar de qualquer criança é na escola de educação infantil.
- Vice-diretora: Eu tenho um depoimento: eu era daquelas professoras que achava que não daria para essas crianças freqüentarem uma escola, mas com a Maria e o Gabriel eu vi que estava enganada.

## APÊNDICE B – Entrevista Professora do Ano Passado

- 1: Já conhecia o caso através do relato das colegas. É uma criança difícil, não sabia o que ele tinha. Investigação com a família. Não fez M2, ele foi jardim A. O vínculo não foi difícil, era carinhosa.
- 2: Teve algumas dificuldades no início, mas logo ele se adaptou.
- 3: Ele é um menino muito especial.
- 4: Não tive medo de ser professora.
- 5: Agressivo com os colegas, puxava cabelo, cuspiu, não tinha limites. Não ficava jogando com o grupo.
- 6: Ele tinha muito receio com as coisas novas.
- 7: Sim.
- 8: Ele é capaz de aprender, ele organiza, planeja.
- 9: Relacionamento tranqüilo, um vínculo muito grande, um carinho imenso.
- 10: Os demais professores da escola, psicopedagoga.
- 11: Mãe muito tranqüila. A avó mais resistente.
- 12/13: Ocorreu a socialização na escola. Gosta e é bem aceito na escola. Alguns adultos resistem. O processo ocorreu.
- 13/14: Sempre trabalhei de maneira igual com ele e com as outras crianças.

### APÊNDICE C – Entrevista Professora Atual

- 1: Em março tudo tranquilo, mas ele passou a não tomar a medicação e voltou a ficar muito agitado, a bater nos colegas.
- 2: Bastante dificuldade.
- 3:
- 4: Me sinto muito angustiada.
- 5: Ultimamente, muito complicado, brigam bastante, ele bate muito nos colegas.
- 6: Não superou ainda.
- 7:
- 8: Ele é muito capaz de aprender, mas precisa de alguém pra ajudar.
- 9: Ninguém me ajuda a fazer esse trabalho.
- 10: Os colegas aceitam ele em sala, mas quando ele bate nos colegas, ele é rejeitado pelos colegas.
- 11/12/13: O processo de socialização acontece.

## APÊNDICE D – Roteiro de perguntas

- 1: Como foi o percurso dele ano passado (ou até aqui)?
- 2: Teve (tem) dificuldades?
- 3: Como você lembra disso?
- 4: Preocupada em ser professora dele?
- 5: Como ele se relacionava (relaciona) com os colegas?
- 6: Como lidava (lida) com os problemas?
- 7: Como superou (supera)?
- 8: Você acha que ele pode aprender?
- 9: Como foi (é) o relacionamento de vocês?
- 10: Alguém te ajudou (ajuda) a fazer esse trabalho?
- 11: Como é a relação com a família/mãe?
- 12: E a relação com os colegas? É ou não aceito?
- 13: Como foi (é) o processo de socialização dele na escola?
- 14: Você acha que ocorreu esse processo?

## APÊNDICE E – Termo de Consentimento

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO ESPECIAL E  
PROCESSOS INCLUSIVOS**

**Professor Orientador:** Ms. Claudia Rodrigues de Freitas

### TERMO DE CONSENTIMENTO E UTILIZAÇÃO DE DADOS COLETADOS PARA ANÁLISE E DISCUSSÃO

Eu, \_\_\_\_\_, abaixo assinado (a), portador (a) da carteira de identidade nº \_\_\_\_\_, expedida por \_\_\_\_\_ em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_, autorizo que os dados por mim fornecidos, em entrevistas, reuniões e observações, sejam utilizados para a análise e discussão na pesquisa que está sendo desenvolvida pela aluna \_\_\_\_\_, intitulada “\_\_\_\_\_”, com a condição de que minha privacidade seja protegida, pela não identificação como informante, pela autora da pesquisa.

Estou ciente de que minha participação na pesquisa é voluntária, sem qualquer vantagem financeira, por ser uma pesquisa acadêmica desenvolvida em nível de \_\_\_\_\_ no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela aluna \_\_\_\_\_.

Também estou ciente de que me é assegurado o direito de não participar ou de me retirar da pesquisa, a qualquer momento, sem que isto represente qualquer tipo de prejuízo profissional.

Quaisquer dúvidas sobre o andamento da pesquisa, a pesquisadora fica à disposição para esclarecimentos.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

\_\_\_\_\_  
Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_  
Pesquisadora

Apêndice F – Desenho de Gabriel 1



Apêndice G – Desenho de Gabriel 2

